
Nota:

Recorte do Jornal Última Hora (Rio de Janeiro)

Matéria publicada na edição de 04 de Fevereiro de 1975

Autor: Jayme Mauricio

Fonte: Arquivo Histórico Wanda Svevo - Fundação Bienal de SP.

ARTES PLÁSTICAS

Campinas e novo desenho brasileiro

O 9º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, aberto ali em Outubro do ano passado e agora em oportuna visita ao Rio (no MAM), revela ao país um filão novo e mui abundante – talvez mesmo um campo da Garoupa, ou toda uma bacia sedimentar de Campos – no domínio até então não muito explorado do desenho. O Salão Campinense pode, e deve, pois, ser saudado como um dos acontecimentos artísticos marcantes e reveladores, em nosso país, nestes últimos anos.

Um número razoável de artistas já consagrados, embora em sua maioria jovens ainda, está presente ao panorama patrocinado por Campinas – Vergara, Lothar Charoux, Fajardo, Vinício Horta, Victor Gerhardt, Barrio, Cildo Meireles, Roberto Magalhães, José Tarcísio, Guima, Waltércio Caldas, Baravelli, Fukushima Filho (Takashi), Wilma Martins (de recente re-consagração), e até mesmo a refinadíssima Mira Schendel, que o cronista, há alguns anos, teve a

oportunidade de levar à Bienal de Veneza, representando o Brasil.

Mas não são estas estrelas que, a despeito do trabalho muitas vezes fascinante que enviaram à coletânea compinense, causam o real impacto. Este impacto é provocado por uma quase enxurrada de nomes novíssimos, diversos dentre os quais praticamente desconhecidos até então, ou conhecidos apenas dos mais atentos frequentadores de coletivas recentes.

E questão de justiça nomear-se esses novos – mesmo quando não novíssimos propriamente, mesmo sabendo-se que só um longo trabalho crítico seria capaz de situar melhor cada um deles, ou reduzir ao mínimo a injustiça de algumas omissões. Sem desejar-mos estabelecer uma hierarquia apressada de méritos, podemos, entretanto, citar em primeiro lugar os nomes de Silvestre Mendonça Rezende, Amador de Carvalho Perez, Nomi Geiger e Manoel Augusto Serpa de Andrade; e citar, logo em se-

guida, Flávio Ferraz Lima, Edgar Duvivier, Mauro Kleiman, Luiz Gregório Correa (um dos menos desconhecidos, um dos poucos artistas brasileiros que já se interessaram pelo hiper e adjacências) e Marcos Coelho Benjamim. E é necessário e salutar mencionar ainda Marcos Conclio, Yukio Suzuki (também algo já badalado), Marguerita Bornstein, Fábio Moreira Leite, Luiz Alphonsus Guimarães. Marlene de Oliveira Pini, Eva Furnari, Selma Daffre, Cristina Tati, Luiz Carlos Lindenberg, Rogério Luz, Gilberto Salvador, Bia Wouk, Maria Helena Grembecki, Norman Martins Santos, Denise Weber – e é bom parar, para que todo o espaço restante desta nota não seja absorvido pelos novos nomes.

O nível de competência artesanal dos desenhistas do Salão que Campinas nos envia é quase sempre bom; seria difícil exigir-se maior uniformidade sem se sacrificar artistas já bastante merece-

dores de comparcimento a demonstrações do gênero. Além dessa competência há também um claro desejo de inovar, que não se identifica à simples procura de "achados" artificiais. Márcio Sampaio, Olívio Tavares de Araujo e Roberto Pontual, que foram encarregados por Campinas da organização da mostra, hão de ter ficado satisfeitos com o trabalho que dirigiram, pois que não é certamente todo o dia que surge oportunidade para algo tão gratificante.

Se o ímpeto do novo desenho no Brasil permanece com a energia agora demonstrada, um novo fenômeno irá se consolidar em nosso mundo artístico – um fenômeno coletivo de importância ainda não igualada desde o notável movimento de nossa gravura moderna.

Jayme Maurício